

O otimista Collor, desprezando apoios.

O candidato do PRN não quer nem ouvir falar em Delfim Netto, Antônio Carlos Magalhães ou Newton Cardoso. Ele torce até por uma aliança Lula-Brizola.

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, deu ontem, no Rio, onde esteve para receber as adesões de Rubem Medina e do prefeito de Caxias, Hydeckel de Freitas, uma prova de otimismo e confiança em sua própria candidatura, ao prever que disputará o primeiro turno com Ulysses Guimarães (PMDB) ou Luís Inácio Lula da Silva (PT). Para ele, o pedetista Leonel Brizola “está caindo nas pesquisas por ter um discurso antigo, ultrapassado”. Sobre o desejo de Brizola, de fazer uma aliança com Lula, Collor duvidou, mas acrescentou: “Espero que a união aconteça, para tornar a disputa mais emocionante”.

Tão confiante está Collor, que se dá ao luxo de recusar apoios como o do ministro Antônio Carlos Magalhães (PFL), do governador Newton Cardoso (PMDB) e do deputado Delfim Netto (PDS). “Ele é o único candidato que diz de quem quer e de quem não quer apoio”, explica o deputado alagoano Renan Calheiros, o mais ligado a Collor e que participa da coordenação de sua campanha.

Segundo Calheiros, Collor já fez chegar a diversos políticos o recado de que não quer o apoio

deles — “gentilmente”, ressalva o deputado. O ministro Antônio Carlos Magalhães, em nenhum momento procurou o candidato ou seus assessores, mas seu filho Luiz Eduardo, deputado pelo PFL da Bahia, tem dito a parlamentares do grupo de Collor que suas bases estão “collorindo”, e ele não tem como impedir.

Embora cauteloso, Calheiros citou alguns políticos de quem Collor não quer apoio e que já sabem disso: além de Magalhães, Cardoso e Delfim, o ex-ministro Borges da Silveira (PR), o ministro Carlos Sant’Anna (BA) — ambos do grupo moderado do PMDB — e o senador Jarbas Passarinho, do PDS.

Há parlamentares do grupo moderado do PMDB, contudo, que podem ser aceitos, como o deputado goiano Maguito Vilela, o único citado por Calheiros. “Estamos examinando cada caso com muito cuidado e não nos interessa ter uma grande bancada. Vamos chegar com certeza a mais de 20 e assim já teremos garantidos dez minutos por dia na televisão”.

O PRN, segundo Calheiros, tem de ser “um partido caracterizado como de centro-esquerda, reformista e com compromissos com os avanços da sociedade”. Os que entrarem no partido devem se encaixar nesse perfil, preferencialmente ser contra Sarney e não ter participado do Centrão (o grupo mais conservador da Constituinte, liderado por Carlos Sant’Anna, hoje ministro da Educação, e Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS), hoje líder do governo na Câmara).

Alguns dos parlamentares que já aderiram ao PRN fogem ao perfil traçado por Calheiros, mas ele explica cada caso. O senador João Castelo, que deixou o PDS, é “um símbolo contra Sarney no Maranhão”. O deputado Flávio Rocha, que deixou o PL e sempre votou com o Centrão, é uma alternativa de “modernidade” no Rio Grande do Norte, pois se opõe às duas oligarquias do Estado — a dos Alves e a dos Maia. O deputado José Carlos Martinez, que deixou o PMDB do Paraná e também votava com o Centrão, é, de acordo com Calheiros, “velho amigo pessoal” de Collor.

Resposta

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, deu o troco ontem ao candidato do PRN, que, antecipadamente, recusou seu apoio. Perguntado sobre a possibilidade de aderir à candidatura de Collor, o ministro respondeu secamente: “Eu me respeito”. Magalhães confirmou sua fidelidade à candidatura do ex-ministro Aureliano Chaves, do PFL, mas admitiu mudanças no quadro sucessório a partir do segundo semestre.



Collor, com Hydeckel de Freitas e Rubem Medina (foto acima): “O único candidato que se dá ao luxo de dizer de quem quer e de quem não quer apoio”, segundo o deputado Renan Calheiros (foto ao lado).

